

AS DISTINÇÕES FONÊMICAS NA LÍNGUA ESTRANGEIRA

MELO, Márcia da Silva

PAULA, Noemi Rodrigues de (Orientadora)

Profª e Cord. do Curso de Letras – Português / Inglês da Universidade Tiradentes -
UNIT

Este artigo intitulado As distinções fonêmicas da Língua Estrangeira, têm como objetivo ajudar os alunos a entender que os sons do inglês são escritos de forma diferente dos do seu próprio idioma é fazê-los usar o alfabeto fonético, percebendo assim que cada símbolo tem um som precioso.

A língua é fundamentalmente um fenômeno oral.

Nunca é demais distinguir a importância da forma oral da língua. A forma escrita é uma mera decorrência da língua falada. O domínio sobre a língua falada começa com o reconhecimento das palavras contidas no fluxo de produção oral.

Assim, cada conjunto de fonemas correspondentes a cada unidade semântica (ou seja, a palavra) dentro da seqüência interrupta de sons no fluxo da produção oral, considerando que o aparelho articulatório de sons, do ser humano (cordas vocais, cavidade bucal, língua, etc.) mostra-se extremamente limitado quando comparado ao universo de conhecimento e a comunicação criada por sua mente. Para fazer para este universo lingüístico e poder representa-lo oralmente bem, é necessário flexibilizar ao máximo o aparelho articulatório de sons, que tem grande importância na língua inglesa. O uso que o ser humano faz de seu aparelho articulatório para comunicar-se varia consideravelmente de idioma para idioma.

Palavras-chave: língua, sons, alunos, aparelho articulatório, pronúncia e entonação

A interferência fonológica da língua materna na língua estrangeira que se pretende, na maioria dos casos permanece para sempre mesmo com pessoas que já adquiriram o domínio sobre o vocabulário e a gramática da língua estrangeira.

Aquele que fala uma única língua acredita que os sons da sua língua correspondem a um sistema básico universal de sons da fala do ser humano. Esta idéia preconcebida normalmente prevalece ao longo do aprendizado da língua estrangeira e, enquanto persistir, interfere negativamente na percepção e na produção oral de quem a estuda.

“Estudantes de idiomas que acreditam ouvir na língua estrangeira sons quase idênticos aos da língua materna, apesar de talvez reconhecerem pequenas diferenças fonéticas entre as duas línguas, irão basear sua pronúncia ao longo do processo de aprendizado num modelo acústico resultante à pares de sons semelhantes, das duas línguas, em vez de baseá-la no modelo acústico específico da língua estrangeira, assim como ocorre no aprendizado da língua materna.”

(Flege, pg. 443)

Os extensos estudos realizados por lingüistas neste século, estudos esses que abrangeram numerosas línguas, revelam com clareza que cada língua possui um sistema sonoro em que todos os elementos estão inter-relacionados, e que é muito raro encontrar duas línguas com sistemas sonoros idênticos. Considerando que estas diferenças nos sistemas sonoros têm uma base fisiológica, por exemplo, variações na posição dos órgãos da fala ou no controle da respiração. Os sons, se diferenciam pelo timbre (resultante dos diferentes graus de ressonância determinados pela forma e pelo tamanho das cavidades, ou câmaras de ressonância, formadas na boca e no nariz, e por variações na frequência e na amplitude das ondas sonoras (estas variações criam diferenças de intensidade e altura). O estudo das distinções mínimas em altura, intensidade, timbre e duração dos sons de línguas e dialetos diferentes constituem o campo da fonética acústica. A fonética articulatória estuda outros aspectos da produção sonora, tais como a abertura e o fechamento das cordas vocais e da passagem nasal e também as várias posições da língua e dos lábios, que alteram a forma e o tamanho das câmaras de ressonância na boca e determinam as diferenças nos sons vocálicos impedindo, às vezes, a passagem livre do ar que vem dos pulmões para formar consoantes. A matéria de estudo da fonética acústica é extremamente técnica e o professor precisa aprender a interpreta-la. A posição da língua (contra os dentes, gengivas ou palato): a altura da parte mais alta da língua (a parte anterior ou posterior da língua em posições alta, média

ou baixa na cavidade bucal, os lábios arredondados ou retos) todos esses elementos combinam-se para modificar a formadas cavidas de ressonância anterior e posterior da boca, alternando assim o timbre do som produzido. O sopro de ar tem sua passagem impedida de diferentes maneiras (pela ponta da língua que se levanta e exerce pressão contra as gengivas, por exemplo, a pontada língua virada para baixo e pressionada contra os dentes, pelos lábios que se fecham e soltam de repente ou pelo ar acumulado antes da abertura e que escapa lentamente) e elas dão origem aos sons consonantais nitidamente diferentes. As cordas vocais entram em jogo e às vezes, pelo fato de deixarem passar o ar livremente, emprestam outra dimensão ao som consoante. O sopro de ar para a vogal ou para consoante pode passar apenas pela boca ou cavidades nasais, resultando daí uma nítida diferença entre em timbre. Já que tantos elementos estão envolvidos, o número de possibilidades é imenso. A reprodução exata de um dado som será possível somente quando se verificar uma conjunção similar destes vários elementos.

Cada língua tem suas próprias posições articuladoras, bem caracterizadas e inter-relacionadas.

Geralmente, os professores se preocupam mais em ensinar as posições articulatórias para os sons que não existem na língua materna, deixando que pronunciem os resto de modo mais ou menos equivalente ao da língua materna. Isto tudo cria uma situação inconveniente, em que o aluno, no meio da palavra, se vê obrigado a fazer ajustamentos articulatórios que são quase impossíveis do ponto de vista físico ou, no mínimo, difíceis e desajustados, deformando assim os sons vizinhos que, de outra forma, teriam sido articulados corretamente.

“O aluno deve ser conscientizado quanto à estrutura total do sistema fonológico integrado da nova língua e quanto ao fato de que as consoantes articuladas incorretamente afetarão a produção das vogais, assim como as vogais afetarão as consoantes.”

(Wilga M. Rivers, pág. 114)

Esta doação de um novo sistema de posições articulatórias requer práticas e treinamento muscular constantes e regulares, de modo que o aluno desenvolva não apenas uma imagem auditiva do som correto, mas também uma imagem física, desenvolvendo simultaneamente uma maior facilidade na transferência de impulsos do cérebro para os músculos vocais corretos. O fonema é a menor unidade sonora de uma língua, reconhecida pelo falante nativo como responsável por uma diferença de sentido.

Cada vogal do sistema sonoro de uma língua pode ser produzida de numerosas formas com ligeiras variações, dentro de uma certa margem de tolerância, antes de cessar de ser interligível para um outro falante nativo, dentro do contexto sonoro normal. Estas formas com leves variações são chamadas alofones do fonema.

Diferenças deste tipo são diferenças fonéticas e podem indicar o nível social do falante, de grupos ou associações ou uma idiossincrasia pessoal. O que parece ser uma diferença fonética muito pequena pode, conquanto sendo simplesmente alofônica numa língua, assimilar uma nítida diferença de sentido em alguma outra língua. A diferença entre **f** e **v** não resulta de uma mudança na posição dos lábios e da língua sendo simplesmente uma questão de sonorização (a abertura das cordas vocais), porém, para um falante do inglês, esta distinção é extremamente importante, pois implica numa diferença de sentido [de fear (medo) e veer (desvio); de feel (tato) e veal (vitela)]. Uma língua em que a mudança de sonorização não altera o sentido, a diferença entre **f** e **v** continuará a ser a diferença fonética, mas não constitui uma diferença fonêmica. A compreensão das distinções fonêmicas torna-se extremamente importante naqueles pontos em que os sistemas fonêmicos da língua materna e da língua estrangeira não coincidem.

“Nas primeiras fases da aprendizagem, quando os alunos ouvem a língua estrangeira, ‘ouvirão’ os fonemas de sua própria língua, isto é, classificarão automaticamente os novos sons como variantes de fonemas familiares da língua materna. Se, na sua língua, a distinção entre **ü** e **u** não determina diferenças de sentido, os alunos, de início, não perceberão esta distinção.”

(Wilga W Rivers, pág. 115)

São nestes pontos de divergência que a discriminação auditiva ensinará os alunos a “ouvirem” diferenças das quais nunca estiveram conscientes.

Enquanto não puderem perceber estas diferenças prontamente, terão dificuldades na produção de imitações aceitáveis desses sons. Ela ainda vive num mundo infantil. O adolescente está lutando para ser aceito no mundo adulto e deseja comportar-se de forma que o distinga das crianças “tolas”.

No primeiro grau, os padrões sonoros da língua devem ser incluídos no contexto do material lingüístico que está sendo repetido e monorizado. O aluno repete, depois do professor, os vários sons que encontra no contexto. O material para essas lições não deve ser artificial, no sentido de incluir apenas determinados sons e não outros. O material selecionado deve caracterizar-se por enunciados naturais e usáveis. Embora o

professor vá escolher somente certos sons específicos para a prática durante uma determinada aula, o ouvido do aluno, ao mesmo tempo, se acostumará gradualmente com o sistema fonológico total, incluindo suas características articulatórias distintas e seus primeiros e vacilantes esforços para produzir sons que somente, de qualquer forma, haverá uma aquisição vagarosa destes sons em seu contexto e inter-relações normais.

Até mesmo as crianças e pré-adolescentes irão identificar os sons da língua estrangeira, como variados fonemas familiares da língua materna.

Será necessário instruí-los, de forma breve e sucinta, na articulação correta se torne um hábito.

Desta forma, o sistema fonológico total da língua receberá cobertura como parte de um processo de aprendizagem progressivo, e não uma prática separada, relevante apenas durante a “prática de pronuncia”. Perceber essas diferenças prontamente, terão grande dificuldade na produção de imitações aceitáveis desses sons. O professor deve enfatizar, estes elementos desde o começo, explicitando sua função importante na fala inteligível e cuidando para que os alunos desenvolvam e mantenham hábitos corretos, não só nesta área como na produção de sons. É nesta área de acento e entonação que o professor de línguas estrangeiras, quando não é nativo, encontra, ele próprio, os maiores obstáculos.

É fundamental, portanto, que ele trabalhe conscientemente somente para manter o controle destes aspectos da língua em alto nível, através de um estudo deliberado de padrões de intensidade vocal e ritmo, através de um treinamento auditivo de gravações, rádio e filmes, e sempre que possível, mantendo contato com falantes nativos.

Introduzindo a Fonologia da Língua Estrangeira

O primeiro contato do aluno com os padrões sonoros da língua estrangeira que irá aprender se dará, provavelmente, ao nível do primeiro ou do segundo grau.

As diferenças de idade e maturidade nestes dois níveis implicam em técnicas diferentes e ênfases diversas.

“Quanto menor a criança, maior é o apelo da pura mímica e ela, requeentemente, deixa-se absorver por atividades de caráter predominantemente repetitivo. O aluno mais velho gosta de entender o que está fazendo e o porque das coisas. A criança tem menos

consciência do fato de estar produzindo sons estranhos e estar se comportando de comunidade que a cerca.”

(Wilga M. Rivers, pág. 116)

Mesmo na fase da pré-adolescência, as crianças possuem poderes de imitação em maior ou menor grau e sua produção, às vezes, é de uma incorreção surpreendente. Se o professor se limitar à repetição coral, poderá alimentar ilusão de que está tudo bem, os erros inevitáveis de muitas crianças (confusão de sons vocálicos, articulação incorreta de consoantes) serão mascarados pela torrente sonora. Se o professor tiver a sorte de ter acesso regular à um laboratório de línguas, durante períodos curtos e com intervalos freqüentes, seus alunos dessa faixa etária terão vantagens da repetição coral (oportunidade máxima para a repetição individual de um modelo correto, proteção contra o embaraço de recitação diante de companheiros críticos, a aula incessante, exigindo do aluno uma participação mais rápida) e, ainda assim, o professor poderá ouvir e analisar dificuldades individuais, ajudando onde necessário, sem interromper o trabalho de outros que não têm as mesmas dificuldades.

“Para alunos que iniciam o estudo da língua estrangeira no 2º grau ou mesmo mais tarde, as lições introdutórias podem muito bem incluir alguma instrução direta nas diferenças entre os sistemas fonológicos da língua materna e da estrangeira.”

(Wilga M. Rivers, pág. 118)

Isto pode ser feito nos 10 primeiros minutos da aula, desde que a instrução teórica seja sempre acompanhada do aprendizado de algum material lingüístico autêntico. Desta forma, os alunos sentem que estão firmes e seguros desde o começo, pois têm a oportunidade de aplicar num contexto prático o que acabaram de aprender teoricamente.

Se o objetivo é fazer a articulação, a intensidade e a entonação corretas se tornarem um hábito, não se deve permitir que os alunos leiam, pronunciem ou produzam nada que não tenha se praticado oral e cuidadosamente com o professor ou um modelo.

“Quando o professor prefere o caminho fácil de deixar que os alunos trabalhem durante longos períodos com seus livros, no ponto em que sua aquisição do sistema sonoro ainda se encontra numa fase incerta e delicada, sua recompensa será ouvir uma deterioração rápida de articulação e entonação à medida que os alunos tentam produzir sons que parecem corresponder às combinações familiares e desconhecidas dos símbolos gráficos que têm diante dos olhos.”

(Wilga M.Rivers 118)

Os sons da língua materna voltarão a se instalar sorrateiramente e a solução da prática corretiva irá se impor. Quando se permitem que os alunos escrevam e apresentem seus próprios diálogos sem que tenham sido precedidos de prática cuidadosa, ocorrerá a mesma reversão rápida aos hábitos lingüísticos da língua moderna.

A fim de combater a tendência natural do aluno de “ouvir” dentro das categorias familiares da língua materna, o professor deverá se valer de exercícios de discriminação auditiva, nos quais haja uma demonstração clara dos equivalentes próximos nas duas línguas e também uma diferenciação nítida entre os equivalentes próximos na língua estrangeira. A prática em discriminação auditiva se fará bastante produtiva mediante o uso de pares mínimos, palavras que diferem somente na pronúncia dos sons que estão sendo praticados. Alguns exemplos de pares mínimos para a discriminação auditiva de sons do inglês seriam “sheep, ship” (ovelha, navio) ou “fat, vat” (gordura, tina).

Se os contrastes aparecem em palavras em que as vogais e as consoantes estão em contextos sonoros diferentes, a antecipação e assimilação consonantal podem entrar um jogo e tornar mais difícil a demonstração de diferenças fundamentais. Um som também não pode ser praticado isoladamente, pois, acusticamente, difere da forma pela qual percebido quando associado com outros sons. Depois de alguma prática com a discriminação auditiva dos pares mínimos, deve-se oferecer aos alunos a oportunidade de produzirem, eles mesmos, um som específico, primeiro em frases simples e depois em orações longas.

Usando a língua de forma criativa

Uma vez que a estrutura lingüística e o vocabulário tenham sido praticados de uma forma controlada e semicontrolada, você pode prosseguir com atividades orais mais criativas, Mesmo neste caso, é útil rever a linguagem de que provavelmente vão precisar e escrever as frases-chave e os itens-chave no quadro, Isso servirá de guia para os alunos mais fracos. Mesmos alunos com melhor nível em inglês se beneficiarão desse tipo de enfoque.

Contar histórias é uma excelente atividade oral. Você pode começar com uma ilustração do livro didático e pedir para que seus alunos criem uma história a partir disso. Cada aluno pode contribuir com uma nova sentença para criar uma história. A história pode ser séria ou maluca!

Histórias por meio de ilustrações também podem ser usadas como o pano de fundo para narrativas; são úteis principalmente quando você precisa praticar frases seqüenciais, como *"First of ali...; then...; atterthat..., finally"*.

Fotos oferecem inúmeras oportunidades para especular, criar diálogos e fazer descrições, Peça que seus alunos tragam fotos interessantes de revistas: isso será muito mais motivador do que qualquer material que possa existir em livros, mesmo quando bom, pois irá refletir seus interesses pessoais.

Pronúncia e Entonação

Muitos professores que não são falantes nativos de inglês ficam apreensivos ao ensinar a pronúncia, Outros, talvez os que tenham essa habilidade bem desenvolvida, com freqüência adotam uma atitude pedante em relação à pronúncia. Deixam que a pronúncia domine todas as atividades orais. O resultado é que muitos alunos se inibem para falar. Para manter o senso de perspectiva, precisamos saber a razão pela qual a pronúncia é importante em uma língua estrangeira. O motivo principal é que o aluno poderá ser compreendido: isso tem a ver com ajudar as pessoas a entender o que você está dizendo, o que é muito importante. Todas as línguas têm suas próprias regras de pronúncia e é muito útil estar ciente de quais dessas regras se assemelham ou são diferentes das de sua própria língua. Isso pode ser feito sob categorias específicas:

1. sons
2. sílaba tônica
3. palavras com maior ênfase na sentença
4. entonação

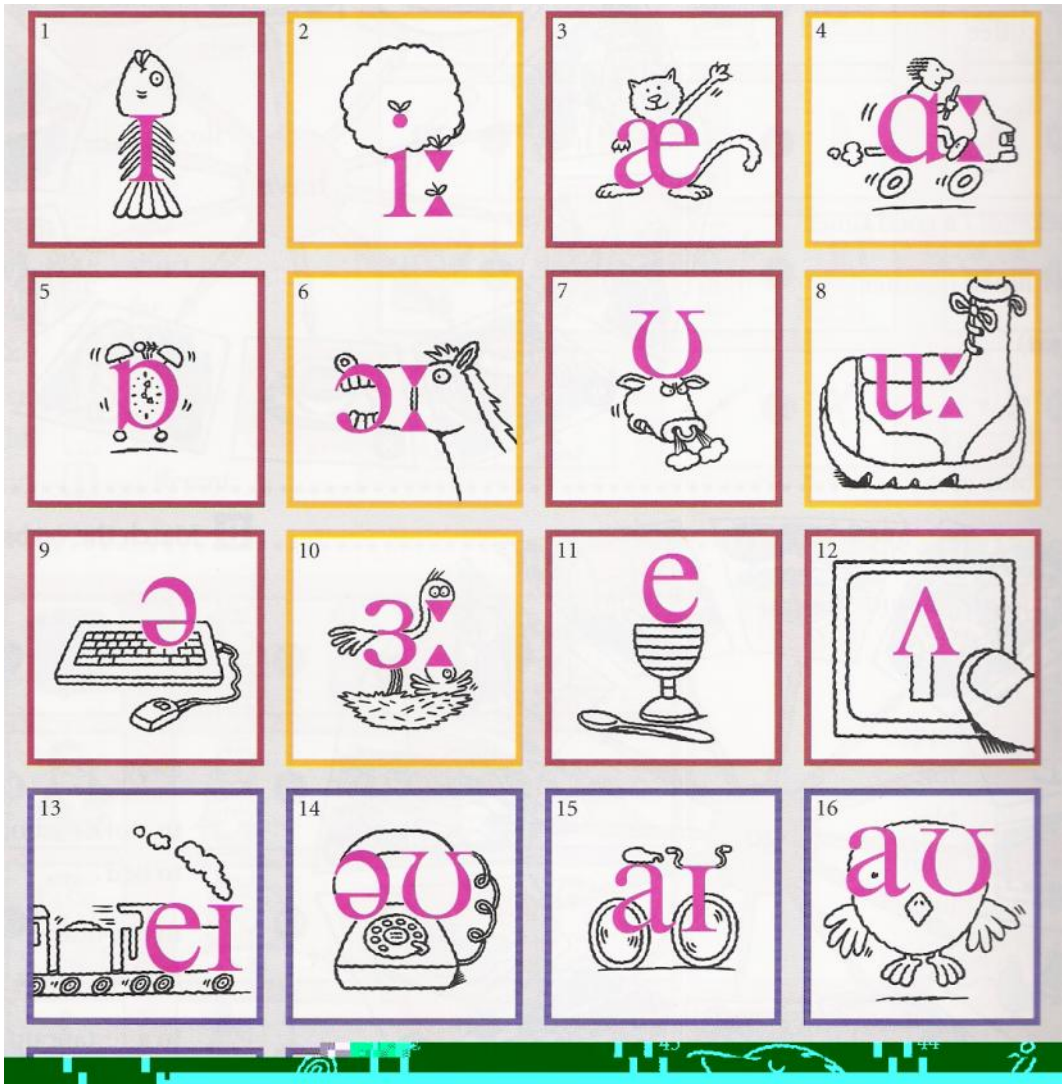
Esses aspectos da pronúncia podem ser aplicados a todas as línguas. Há um outro aspecto relevante quando estamos refletindo sobre a pronúncia do inglês. É a relação entre o som e a forma escrita. Ao contrário de muitas línguas latinas, cada símbolo escrito do inglês pode ser pronunciado de várias maneiras diferentes. Isso vai depender das outras letras ou de outros símbolos que estiverem próximos. Pense nas várias formas com que se pode pronunciar a letra g:

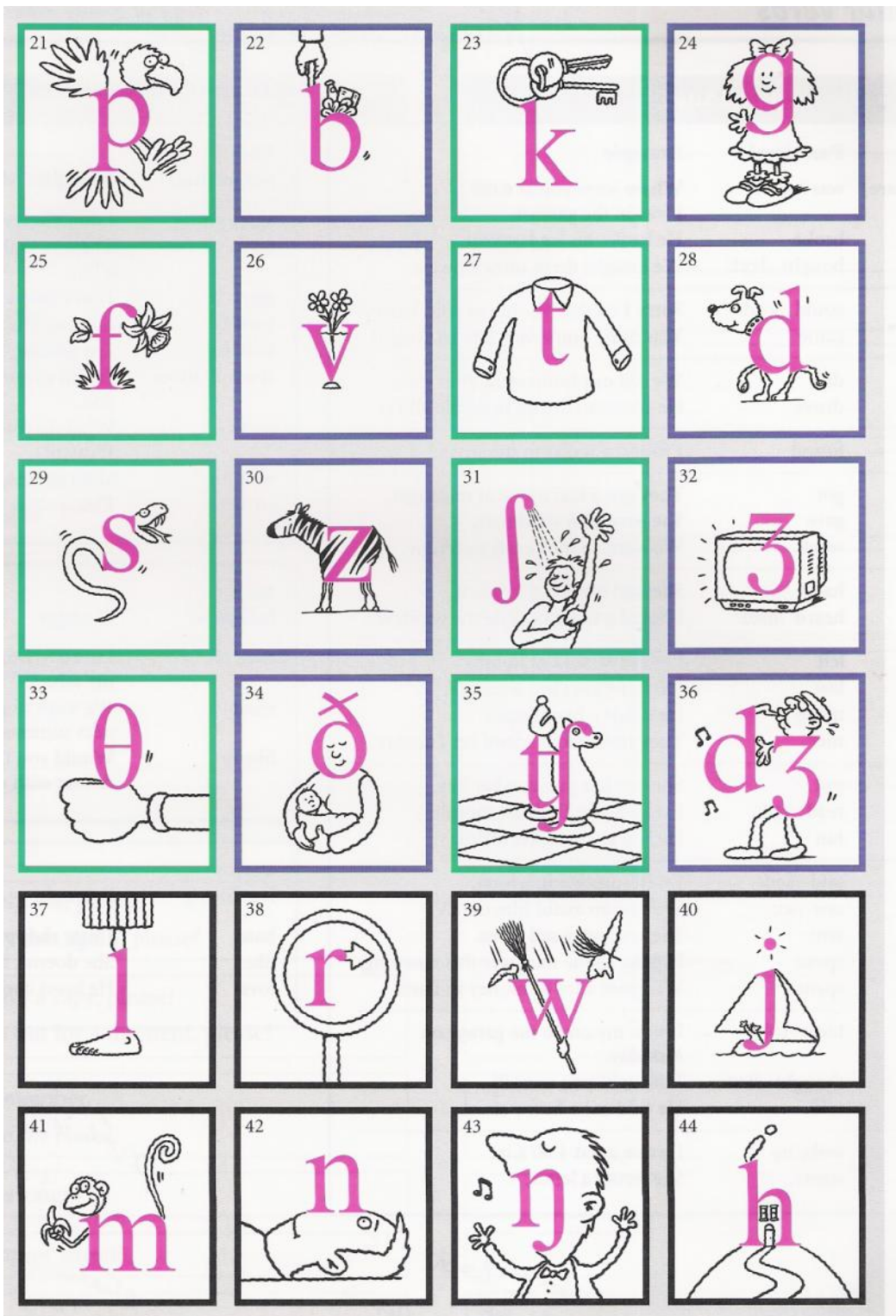
Get rough message massage

O som e a forma escrita

Uma maneira de ajudar seus alunos a entender que os sons do inglês são escritos de forma diferente dos do seu próprio idioma é fazê-los usar o alfabeto fonético. Nele, cada símbolo tem um som preciso. Dessa forma, pode-se aprender novas palavras - pesquisadas no dicionário - e a pronúncia poderá ser aprendida imediatamente.

Phonetic Symbols





21 parrot /'pærət/

22 bag /bæg/

23 key /ki:/

24 girl /gɜ:l/

25 flower /'flaʊə/

26 vase /vɑ:z/

27 tie /taɪ/

28 dog /dɒg/

29 snake /sneɪk/

30 zebra /'zebrə/

31 shower /'ʃaʊə/

32 television /'telvɪʒn/

33 thumb /θʌm/

34 mother /'mʌðə/

35 chess /tʃes/

36 jazz /dʒæz/

37 leg /leg/

38 right /raɪt/

39 witch /wɪtʃ/

40 yacht /jɒt/

41 monkey /'mʌŋki/

42 nose /nəʊz/

43 singer /'sɪŋə/

44 house /haʊs/

Sons

Existem alguns sons exclusivos da língua inglesa e outros encontrados muito raramente em outras línguas, os quais requerem uma prática especial. Dentre esses sons, os que normalmente causam problemas para os falantes de espanhol e português são:

/w/ /sh/ /s/ e /ch/ /e/ /æ/ /u/
/n/ e / / /i:/ e /e/ /h/

A procura de exercícios em bons livros didáticos e de materiais complementares que se concentrem nesses sons. A maioria das atividades de pronuncia é muito divertida e os alunos vão gostar. Se praticado em conjunto, ou em grupos menores, não terão medo de cometer erros.

Silaba Tônica

Os bons dicionários marcam a sílaba tônica. Você pode sugerir que seus alunos prestem atenção no que você diz ou que ouçam a fita e marquem onde a sílaba tônica ocorre. Deixe que ouçam “ditados de sons” e marquem a tônica em palavras como:

IMPORTANTE COMPUTER

Podem também praticar palavras cuja sílaba tônica seja diferente, conforme estejamos falando de verbo, substantivo ou adjetivo:

CONFERENCE CONFER

ITALY ITALIAN

JAPAN JAPANESE

Tipos de atividades podem ser feitas com todo o grupo, como “ditado”, ou em pares.

Palavras com maior ênfase na sentença

Isso pode parecer difícil em inglês, pois somente as palavras-chave da sentença recebem ênfase. A palavra tônica e a entonação estão intimamente relacionadas. A ênfase em determinadas palavras pode alterar o significado da sentença.

Exemplos:

I flew to London yesterday.

Podemos mudar o significado ao mudarmos a palavra tônica:

I flew to London yesterday.

(eu - não você. ou quem quer que seja!)

I flew to London yesterday.

(não fui de ônibus ou trem ou navio... mas de avião.)

I flew to London yesterday.

(e não de Londres.)

I flew to London yesterday.

(Londres - não Miami!)

I flew to London yesterday.

(não foi anteontem.)

Atividades simples como essa são divertidas e fáceis de fazer. Sem dúvida alguma, você não precisa ser um falante nativo do inglês para ajudar seus alunos a melhorar sua pronúncia.

Correção

A correção dos trabalhos escritos, que geralmente se encontram no caderno ou no livro de exercícios, é relativamente fácil, podendo ser feita fora da sala de aula.

Quando a fluência é importante

Com as atividades de fluência, cujo objetivo é motivar a produção da linguagem, essa produção estaria arruinada se você as interrompesse para corrigi-las. A melhor opção é, se possível, circular pela sala durante as atividades em pares ou em grupos e ouvir o que está sendo dito. Se alguém pedir ajuda ou correção, não se abstenha. Se ninguém pedir sua ajuda, faça anotações mentais ou escritas dos erros. Quando terminar

a atividade - ou mesmo na próxima aula, como uma revisão - você pode apresentar esse ponto lingüístico para a correção em sala ou simplesmente ensiná-lo novamente.

Antigamente, os alunos mais velhos do 1º e 2º graus aprendiam as vezes os símbolos fonéticos ou fonêmicos conjugados com lições introdutórias sobre o sistema fonológico da língua. Praticavam exaustivamente a produção de certos sons e, depois, os símbolos fonéticos se revelaram muito úteis para ajudar os alunos a pronunciarem palavras cuja grafia é imprevisível.

Todavia, alguns professores notaram que a transcrição fonética ou a fonêmica, tão bem aprendidas nos estágios introdutórias, representam para o aluno uma fonte constante de interferência, quando ele começa a usar o sistema ortográfico tradicional e, conseqüentemente, questionam a validade de se estabelecer dois sistemas simbólicos diferentes para as mesmas palavras e frases, especialmente em se tratando de adolescentes. Por esta razão e pelo fato de que os alunos esquecem facilmente as associações símbolo-som do sistema fonológico quando não há prática adequada, alguns professores sentem que o tempo devotado a fonético ou fonêmico seria melhor aproveitado em treinar os alunos na articulação correta dos sons e, simultaneamente, na associação de cada som com as várias grafias equivalentes presentes no sistema escrito tradicional.

Para adolescentes de 1º e 2º graus, sem a experiência prévia de língua estrangeira talvez não vejam, de início, a relevância de um sistema especial para a transcrição de sons. Este sistema especial, seja fonético ou fonêmico, poderá ser introduzido posteriormente, na aprendizagem se houver ameaça de queda na qualidade da pronúncia.

Para alunos adultos, a transcrição fonética ou fonêmica será útil depois de algum tempo de contato com a língua, pois o torna independente do professor, permitindo-lhes levar avante um estudo individual sem correr o risco de adquirir uma série de vícios de pronúncia que terão que ser corrigidos no futuro.

“A comunicação é um duplo processo. Ao ouvir o falante nativo, o aluno ficará inevitavelmente desconcertado, mesmo que seu domínio da língua seja bom. Talvez ele mesmo não seja entendido, dependendo da experiência do falante nativo com estrangeiros que usam esse variante específico de pronúncia. Se o aluno faz uma pergunta, é pouco provável que entenda a resposta. Se a pergunta lhe é feita, não será capaz de responder por que simplesmente não entendeu”. (Wilga M. Rivers, pg 130).

Se as habilidades de comunicação constituem um dos objetivos do curso de línguas, então a verdadeira comunicação, aquela que ultrapassa os limites da sala de aula, deve ser a finalidade suprema. Isto implica na aquisição de uma pronúncia em que as distinções fonêmicas sejam respeitadas e em que os padrões de intensidade e de entonação explicitem o significado da emissão.

Devido as diferenças individuais na capacidade de imitação à falta de oportunidade de ouvir a fala nativa com frequência, os alunos encontram sérios obstáculos na tentativa de desenvolver uma pronúncia quase perfeita. Todavia, muitos deles conseguem adquirir uma pronúncia aceitável para o falante nativo e aprendem a reconhecer o que o falante nativo esta dizendo. Quanto ao fato de adquirirem realmente estas habilidades, o papel do professor é fundamental, muito depende de seu conhecimento dos princípios da produção sonora, do fato de exercitar cuidadosa e conscienciosamente aquelas áreas em que a língua materna e a estrangeira apresentam maiores divergências.

BIBLIOGRAFIA:

- RIVERS, Wilga Marie. A Metodologia do Ensino de Línguas Estrangeiras
EDITORA: Pioneira, 1975
- HOLDEN, Susan. O Ensino da Língua Inglesa.
EDITORA: SBS, 2ª Edição, 2002
- SELINGSON, Paul, OXENDEN, Clive. English File student's book – 1; Oxford University Press, 2002

Márcia da Silva Melo

Letras Português/Inglês

Aracaju

21 de novembro de 2005